

## Empreendedorismo migrante no Brasil: revisão narrativa da literatura recente e contribuições para os estudos no Sul Global

Migrant entrepreneurship in Brazil: A narrative review of recent literature and contributions to Global South Studies

El emprendimiento migrante en Brasil: una revisión narrativa de la literatura reciente y contribuciones a los estudios en el Sur Global

Carlos Ramos-Torres<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Concordia University - John Molson School of Business - Canadá.

\*Autor de correspondência: [carlos.ramos@mail.concordia.ca](mailto:carlos.ramos@mail.concordia.ca)

### RESUMO

Este artigo analisa o empreendedorismo migrante no Brasil como contexto de pesquisa relevante no Sul Global. O estudo se justifica pela crescente presença de migrantes no país, pelo aumento de microempreendedores estrangeiros formalizados e pela predominância, na literatura internacional, de estudos centrados em rotas Sul-Norte, em detrimento das dinâmicas migratórias em direção ao Sul Global. O objetivo é compreender como a literatura recente tem interpretado o empreendedorismo migrante no Brasil e discutir de que modo esse contexto pode contribuir para o desenvolvimento do campo. Para isso, a pesquisa adota abordagem exploratória, indutivo-interpretativa e documental, combinando análise de dados de Microempreendedores Individuais cadastrados no Brasil e revisão narrativa de 15 estudos publicados entre 2020 e 2025. A análise evidencia que o empreendedorismo migrante no país é fortemente marcado por rotas Sul-Sul e por inserção em atividades de pequena escala, especialmente nos setores de comércio e serviços. Os resultados também mostram que o fenômeno é heterogêneo e relacional, estruturado por redes sociais e étnicas, cuidado, mediações institucionais, plataformas digitais e desigual acesso a recursos, o que posiciona o Brasil como contexto empiricamente fértil e teoricamente relevante para a agenda internacional do campo.

### ABSTRACT

This article analyzes migrant entrepreneurship in Brazil as a relevant research context within the Global South. This approach is justified by the growing presence of migrants in the country, the increase in foreign micro-entrepreneurs, and the persistent concentration of migrant entrepreneurship studies on South-North routes, while South-South dynamics remain comparatively underexplored. The purpose of the study is to examine how the Brazilian literature has interpreted migrant entrepreneurship and to discuss how this context may contribute to the advancement of the research paradigm on migrant entrepreneurship in the Global South. This purpose is achieved through an exploratory, interpretive, and inductive research design, combining documentary analysis of migrant Microentrepreneurs (MEIs) registered in Brazil and a narrative literature review of 15 studies published between 2020 and 2025. The analysis shows that migrant entrepreneurship in Brazil is predominantly shaped by South-South routes and is concentrated in small-scale commerce and service activities. The literature reviewed indicates that the phenomenon is relational and heterogeneous, structured by networks, embeddedness, care, institutional mediation, digital infrastructures, and unequal access to resources. The study concludes that Brazil constitutes an empirically fertile and theoretically relevant setting for expanding international research on migrant entrepreneurship beyond traditional Global North assumptions.

### RESUMEN

Este artículo analiza el emprendimiento migrante en Brasil como un contexto de investigación relevante dentro del Sur Global. El estudio se justifica por la creciente presencia de migrantes en el país, el aumento en el número de microempreendedores extranjeros formalizados y el predominio en la literatura internacional de estudios centrados en las rutas Sur-Norte —a menudo descuidando las dinámicas migratorias dirigidas hacia el Sur Global—. El objetivo es comprender cómo la literatura reciente ha interpretado el emprendimiento migrante en Brasil y discutir cómo este contexto puede contribuir al desarrollo del campo. Para ello, la investigación adopta un enfoque exploratorio, inductivo-interpretativo y documental, combinando el análisis de datos sobre microempreendedores individuales registrados en Brasil con una revisión narrativa de 15 estudios publicados entre 2020 y 2025. El análisis revela que el emprendimiento migrante en el país se caracteriza fuertemente por rutas Sur-Sur y por la participación en actividades de pequeña escala, particularmente en los sectores de comercio y servicios. Los resultados también demuestran que el fenómeno es heterogéneo y relacional —estructurado por redes sociales y étnicas, dinámicas de cuidado, mediaciones institucionales, plataformas digitales y un acceso desigual a los recursos—, posicionando así a Brasil como un contexto empiricamente fértil y teóricamente relevante para la agenda internacional del campo.

### PALAVRAS-CHAVE:

Empreendedorismo migrante  
Sul Global  
Brasil  
Migração Sul-Sul

### KEYWORDS:

Migrant entrepreneurship  
Global South  
Brazil  
South-South

### PALABRAS-CLAVE:

Emprendimiento migrante  
Sur Global  
Brasil  
Migración Sur-Sur

SUBMETIDO: 23 de março de 2026 | ACEITO: 25 de junho de 2026 | PUBLICADO: 30 de junho de 2026

© Revista Brasileira de Administração Política, 2026. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## **INTRODUÇÃO**

No cenário da globalização contemporânea, a mobilidade humana atingiu a marca de 304 milhões de pessoas em 2024 (ONU, 2025), consolidando a migração como um tema central no debate público e acadêmico. Nesse contexto, o empreendedorismo emerge como um elemento dinamizador das economias, uma vez que imigrantes frequentemente apresentam maior propensão à criação de novos negócios em comparação aos nativos (Duan; Sandhu, 2022). Dentro desse panorama, o Brasil destaca-se como um campo de análise relevante no Sul Global, tanto por sua robustez econômica e digital quanto por sua densa trajetória histórica na recepção de fluxos migratórios oriundos de diversas rotas globais.

Ainda que o Brasil não seja caracterizado por migração líquida positiva (Lopez Villamil, 2025) e seja frequentemente retratado como país emissor de diásporas (Falcão *et al.*, 2025), o número de estrangeiros residindo no país aumentou de 592 mil em 2010 para mais de 1 milhão em 2022, um crescimento de 70,3%, segundo o Censo Demográfico 2022 (Governo Federal do Brasil, 2025). Outrossim, entre 2019 e 2023, o número de microempreendedores individuais (MEIs) estrangeiros cresceu 74% (SEBRAE, 2023). Nesse contexto, considera-se pertinente e relevante examinar o empreendedorismo migrante no Brasil como uma expressão das dinâmicas contemporâneas de mobilidade humana e como um fenômeno econômico relevante no ecossistema empresarial nacional.

Embora não exista uma definição universal de migrante (Anderson; Blinder, 2011), a fornecida pelas Nações Unidas (ONU) é amplamente aceita: migrante é o indivíduo que se desloca para um país distinto de sua residência habitual ou de seu país de nascimento durante, no mínimo, um ano (12 meses). Cabe salientar que os termos “migrante” e “imigrante” serão utilizados de forma alternada, conforme é habitual na literatura internacional. Nesse sentido, o empreendedorismo migrante ou de imigrantes pode ser definido como o processo pelo qual migrantes identificam, criam e exploram oportunidades econômicas para iniciar um novo negócio em seus países de destino (Dheer, 2018). Tal definição guarda-chuva abrange diversas categorias migratórias e classificações granulares, frequentemente tratadas na literatura como “variedades” ou expressões de “superdiversidade”, como no caso do

empreendedorismo étnico, de retorno, de refugiados, de expatriados, de tipo diaspórico ou transnacional (Christensen *et al.*, 2020; Freiling; Glinka, 2024).

Apesar do progresso, o paradigma internacional de estudos em empreendedorismo migrante apresenta um corpo pesquisa relativamente extenso, porém fragmentado, com resultados comumente contextuais e de difícil generalização (Dabić *et al.*, 2020; Freiling & Glinka, 2024). Da mesma forma, a produção científica tem sido dominada por pesquisas desenvolvidas em torno da migração Sul-Norte, ou migração "ascendente", quando indivíduos transitam de países emergentes ou em desenvolvimento para países desenvolvidos (Dheer, 2018; Aliaga-Isla & Rialp, 2013; Duan & Sandhu, 2022). Consequentemente, a literatura internacional concentra-se, principalmente, nas experiências dentro dos países anfitriões do Norte Global.

Para além desse status quo, outras trajetórias migratórias também merecem atenção, como no caso da migração Sul-Sul. Este tipo de migração empreendedora geralmente apresenta deslocamentos mais próximos geograficamente e menos custosos, onde parte das redes familiares permanecem no país de origem (Rodrigo; Romani; Ricci, 2018). Também é comum que esta migração apresente relativa proximidade cultural e inserção em destinos que, embora mais estáveis, ainda compartilham desigualdades e limitações típicas do Sul Global (Mazuera-Arias *et al.*, 2022; Verver *et al.*, 2019). Isso configura um contexto mais "atípico", se comparado com os casos tradicionais.

É importante salientar que essa agenda de pesquisa, especialmente quando direcionada para o Sul Global, tem sido frequentemente negligenciada pela literatura nacional (Cruz; De Queiroz, 2016) e internacional (Romani; Ricci, 2018; Verver *et al.*, 2019). Portanto, e como principal motivação, este estudo pretende contribuir com a discussão sobre o empreendedorismo migrante em contextos de países emergentes, com foco específico no caso do Brasil como cenário característico de migração Sul-Sul.

Mais do que acumular evidências empíricas granulares, torna-se necessário sistematizar criticamente a produção existente, explicitar seus pressupostos teóricos e epistemológicos, identificar convergências, tensões e lacunas entre os estudos e, a partir disso, delinear uma agenda de pesquisa futura mais abrangente, capaz de posicionar o Brasil como contexto empiricamente fértil e

teoricamente relevante para o avanço (inter)nacional dos estudos sobre empreendedorismo migrante.

No intuito de conseguir esse objetivo, esta pesquisa será estruturada em três etapas. Primeiro, será apresentada uma breve análise contextual do panorama contemporâneo dos empreendedores migrantes no Brasil. O intuito é retratar o status quo e contextualizar este segmento empresarial no país e suas potencialidades. Em seguida, será apresentada uma revisão narrativa da literatura, avaliando e discutindo por eixos temáticos as produções científicas obtidas em bases de indexação regionais e internacionais. Por último, será discutida uma agenda de futuras pesquisas, visando contribuir com o avanço do programa de pesquisa em empreendedorismo migrante situado no Brasil.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa foi conduzida inicialmente pela análise bibliográfica e documental, posicionando o tópico de pesquisa frente à literatura especializada (Tight, 2019). Em seguida, o estudo foi conduzido metodologicamente de forma indutiva-interpretativa, contextualizando o fenômeno desde observações empíricas específicas, no sentido de encontrar sentido teórico mediante narrativas reflexivas (Bell *et al.*, 2022). Nesse caso, como *proxy* de empreendedores migrantes foram levantados dados empíricos sobre o número de MEIs cadastrados no Brasil até março de 2026, a partir do site da Receita Federal. Os dados foram agrupados por rotas globais Norte e Sul e uma classificação das dez principais nacionalidades com maior recorrência de empreendedores migrantes foi apresentada.

A abordagem da pesquisa também foi de natureza exploratória, o que se justifica pelo fato do empreendedorismo migrante, especialmente no contexto brasileiro e em rotas para o Sul Global, ainda constituir um fenômeno relativamente pouco explorado e insuficientemente consolidado na literatura (Dheer, 2018). A pesquisa exploratória permite maior aproximação com o objeto de estudo e favorece a ampliação da compreensão sobre temas ainda incipientes, ambíguos ou dispersos, com vistas à construção de entendimentos mais refinados sobre o fenômeno investigado (Gil, 2008). Para a

operacionalização exploratória do estudo, foi empregada uma revisão narrativa da literatura (Snyder, 2019).

A estratégia de revisão foi de caráter interpretativo, adequada quando o objetivo é integrar uma literatura heterogênea, identificar pressupostos, e propor síntese teórica (Snyder, 2019). A revisão narrativa é especialmente útil quando o problema exige leitura contextual, comparação conceitual e geração de agenda. O corpus analisado compreende 15 produções científicas, publicadas entre 2020 e 2025, sendo artigos científicos e capítulos de livro previamente selecionados a partir de busca exaustiva em SciELO, Latindex, Google Scholar, Scopus e na base Qualis CAPES. Todos os textos tratam, diretamente, de empreendedorismo migrante, de refugiados, étnico ou fenômenos adjacentes de organização econômica e coletiva de migrantes no Brasil.

A leitura dos documentos ocorreu em duas etapas. Na primeira, cada produção foi classificada segundo: autoria, principal insight, metodologia, abordagem, pressuposto causal ou normativo e contexto de origem-destino. Na segunda, procedeu-se à leitura transversal do corpus para identificar mecanismos recorrentes, pressupostos compartilhados e contrapontos. Os eixos temáticos finais foram definidos por densidade teórica e recorrência analítica (Torraco, 2005). Assim, foram priorizados temas que organizam mecanismos explicativos presentes na literatura analisada: redes e *embeddedness*; trabalho, subjetividade e empreendedor de si; gênero, cuidado e interseccionalidade; arranjos solidários, cidadania econômica e mediações institucionais; e plataformas, mídias e arenas públicas. O procedimento segue o princípio de síntese teórica da revisão narrativa para reduzir a dispersão (Snyder, 2019).

Nesse sentido, espera-se que a pesquisa permita organizar criticamente a produção existente, explicitar seus pressupostos e identificar contrapontos entre os estudos. A partir disso, visa-se delinear uma agenda de pesquisa futura mais abrangente, capaz de posicionar o Brasil como contexto empiricamente fértil e teoricamente relevante para o avanço (inter)nacional dos estudos sobre empreendedorismo migrante.

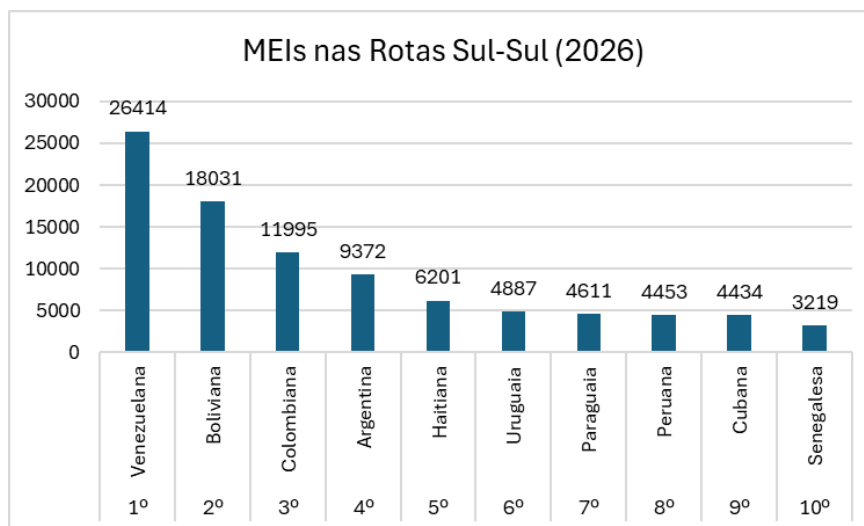
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

## Contextualização do empreendedorismo migrante contemporâneo no Brasil: uma aproximação desde os MEIs cadastrados

No contexto do Sul Global, o Brasil constitui um relevante para o estudo do empreendedorismo migrante, não apenas por sua escala econômica e diversidade territorial, mas também por sua inserção em rotas migratórias predominantemente Sul-Sul. Nessas trajetórias, a mobilidade tende a ser impulsionada por fatores de expulsão (push factors) e por deslocamentos regionalmente mais acessíveis, frequentemente em direção a países vizinhos ou do mesmo continente, o que faz com que o empreendedorismo emergja, em muitos casos, como estratégia de inserção econômica diante de barreiras no mercado de trabalho formal, dificuldades de validação de credenciais, fragilidade das redes familiares no destino e posição global menos favorecida de determinadas nacionalidades (Mazuera-Arias *et al.*, 2022; Rodrigo; Romani; Ricci, 2018; Cabieses *et al.*, 2024; González; Parella Rubio; Petroff, 2025). Por isso, esses empreendedores tendem a concentrar-se em atividades de comércio e serviços de baixa barreira de entrada, forte intensidade de trabalho e margens reduzidas de lucro (Verver *et al.*, 2019).

Essa leitura pode ser aprofundada pela noção de *global embeddedness*, segundo a qual migrantes, seus recursos e motivações estão imersos em um ambiente global assimétrico, no qual o valor do capital econômico, cultural, social ou simbólico depende da posição relativa de seus países e nacionalidades nas hierarquias globais (Girling, 2024). Assim, o empreendedorismo migrante no Brasil não deve ser entendido como fenômeno homogêneo, mas como expressão de rotas, recursos e constrangimentos distintos, cujas marcas aparecem, inclusive, na composição das nacionalidades mais presentes entre os empreendedores migrantes. Nesse sentido, a Figura 1 a seguir ajuda a situar empiricamente o argumento ao mostrar a predominância de nacionalidades latino-americanas e caribenhas entre os MEIs no país, reforçando a centralidade do Brasil como contexto de empreendedorismo migrante em rotas Sul-Sul.

**Figura 1.** Top 10 nacionalidades de Microempreendedores Individuais nas rotas Sul-Sul no Brasil (atualizado Março, 2026)



**Fonte:** Elaboração própria com dados da Receita Federal (2026)

A Figura 1 sugere que o empreendedorismo migrante formalizado no Brasil, ao menos na categoria MEI em fluxos Sul-Sul, apresenta predominância de venezuelanos, bolivianos e colombianos. Isso sugere que o caso brasileiro deve ser analisado menos a partir do modelo clássico de empreendedorismo migrante construído sobre experiências Sul-Norte e mais a partir de dinâmicas regionais, de crise e de inserção econômica em mercados de pequena escala. A presença de haitianos, cubanos e senegaleses também mostra que o fenômeno não se limita à vizinhança imediata, mas abrange diferentes circuitos do Sul Global, com perfis migratórios e recursos provavelmente distintos.

Além do volume, importa observar o tipo de inserção econômica desses MEIs em rotas Sul-Sul. As atividades mais frequentes são o comércio varejista de vestuário e acessórios, a confecção de peças do vestuário, os serviços de cabeleireiro e beleza e as atividades de ensino (Terra, 2025). Esse perfil é consistente com ocupações de baixa barreira de entrada, forte dependência de trabalho próprio e necessidade de formalização rápida para acessar renda, emitir nota, contribuir para a previdência e reduzir a dependência da informalidade.

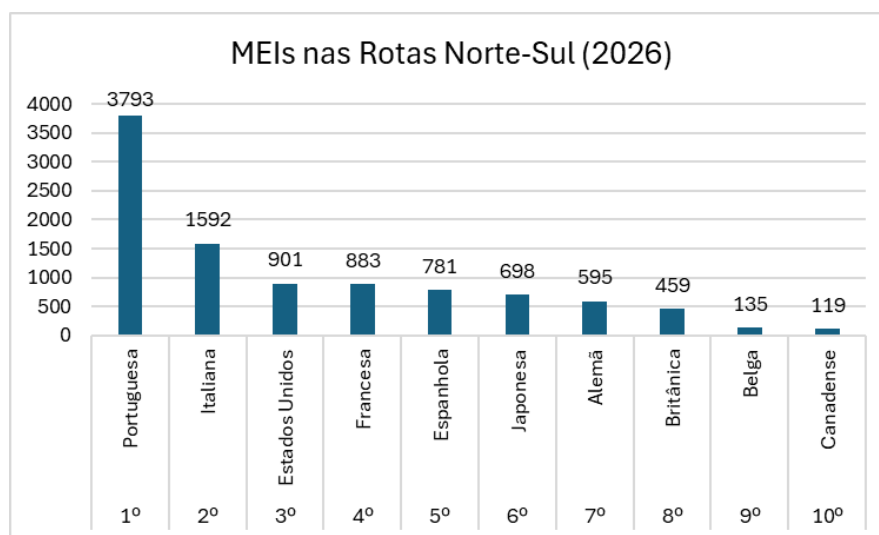
Considerando apenas as dez nacionalidades Sul-Sul da Figura 1, que somam 93.617 MEIs, e tomando como referência o teto anual vigente do MEI, de R\$ 81 mil, chega-se a um potencial bruto máximo teórico de R\$ 7,58 bilhões por ano, ou cerca de R\$ 631,9 milhões por mês; naturalmente, trata-se de um teto legal e não de faturamento observado, mas o valor ajuda a dimensionar o peso

econômico potencial desse contingente formalizado.

Em paralelo, o fluxo migratório Norte-Sul ainda pouco explorado no Brasil e na literatura internacional também merece atenção. Embora numericamente menor, ele pode ser analiticamente muito fértil porque envolve indivíduos que, em muitos casos, chegam com mais capital econômico, maior mobilidade internacional e menor dependência de redes étnicas, o que pode favorecer negócios transnacionais e de menos pressão por sobrevivência imediata, como já apontam alguns avanços na literatura internacional sobre migração empreendedora Norte-Sul ou no sentido “descendente” (Elo, 2016; Harima, 2014; Ramos-Torres, 2025).

Na Figura 2 a continuação os MEIs em rotas Norte-Sul somam 9.956 registros entre as dez principais nacionalidades, com liderança portuguesa e italiana, seguida por Estados Unidos, França e Espanha. Em termos de escala, esse conjunto equivale a pouco mais de um décimo do volume observado nas rotas Sul-Sul, o que indica que, no Brasil, o fluxo Norte-Sul é claramente minoritário entre os microempreendedores formalizados.

**Figura 2.** Top 10 nacionalidades de Microempreendedores Individuais nas rotas Norte-Sul no Brasil (atualizado Março, 2026)



**Fonte:** Elaboração própria com dados da Receita Federal (2026)

Tal contexto pode ser relevante para estudos de empreendedorismo imigrante e transnacional. Primeiro, porque sugere a existência de um nicho de empreendedorismo migrante e transnacional potencialmente distinto, menos

marcado por urgência econômica e possivelmente mais conectado a serviços especializados, intermediação internacional, educação, gastronomia, consultoria ou negócios transnacionais. Segundo, porque sua baixa expressão quantitativa ajuda a explicar por que esse fluxo quase não aparece na literatura brasileira: ele é menor em número, e provavelmente subestimado pela falta de estatísticas e controle migratório, que é típico em países receptores do Sul Global em relação a indivíduos oriundos do Norte (Fernández, 2011). Contudo, este fluxo pode ser comparativamente importante para entender como diferentes rotas migratórias condicionam a mobilização de recursos, as estratégias de entrada e o tipo de empreendimento construído no país.

Em síntese, a evidência mostra que o empreendedorismo migrante no Brasil não pode ser compreendido fora das múltiplas camadas que implicam diversas rotas migratórias, marcadas pelas experiências pessoais e familiares até constrangimentos supranacionais e hierarquias globais (O'Byrne; Hensby, 2020, p. 31; Girling, 2024). Isso significa que nacionalidade, rota migratória, posição geopolítica e condições institucionais do destino moldam de forma decisiva o acesso, a conversão e a mobilização de recursos. É nesse quadro que se torna necessário revisar criticamente a literatura, a fim de compreender como o campo tem interpretado essas dinâmicas no contexto brasileiro.

### **Revisão narrativa da literatura: o que os estudos mostram sobre o empreendedorismo de migrantes no Brasil?**

Abaixo é apresentado o Quadro 1 referente as pesquisas incluídas na discussão e revisão narrativa. Foram quinze produções, sendo cinco de 2025, dois de 2024, um de 2023, quatro de 2022, um de 2021, e dois de 2020. A maior parte da literatura identificada é representada por artigos científicos em revistas nacionais indexadas em Scielo e na Qualis CAPES (onze das quinze produções), dois artigos em revistas internacionais indexadas na Scopus, um capítulo de livro nacional e outro internacional. Todas as produções incluíram o Brasil como país de destino (host country).

**Quadro 1.** Relação de título, autores e ano das pesquisas analisadas

Estudo	Principal insight	Método	Abordagem	Pressuposto	Origem-destino
Albuquerque et al. (2023)	O empreendedorismo étnico de venezuelanos em Boa Vista é moldado por ciclo migratório, condições financeiras, família, redes e pandemia.	Qualitativo; 8 entrevistas com refugiados do setor de alimentos; snowball.	Empreendedorismo étnico; ciclo migratório.	Redes e cultura podem ser recursos, mas o negócio permanece exposto à vulnerabilidade.	Venezuela -> Brasil (Boa Vista/RR)
Scherer; Grisci (2022)	Migrantes e refugiados criam atividades laborais como trabalho imaterial e se reinventam como 'empreendedores de si'.	Cartografia; entrevistas e observação participante em Porto Alegre.	Autonomia das Migrações; trabalho imaterial; subjetividade.	Empreender é processo de singularização e reinvenção de si.	Múltiplas origens do Sul Global -> Brasil (Porto Alegre)
Rustomy; Bastos (2020)	O comércio de comida étnica é recurso simbólico de memória, identidade e hospitalidade para refugiados em São Paulo.	Reflexão teórica qualitativa com levantamento exploratório de literatura.	Comércio étnico; comida étnica; herança cultural; hospitalidade.	A etnicidade alimentar diferencia e ancora o negócio.	Múltiplas origens de refúgio -> Brasil (São Paulo)
Bastos et al. (2024)	A economia solidária pode viabilizar integração econômica de venezuelanos por autogestão, cooperação e sustentabilidade.	Estudo de caso ampliado; observação participante; entrevistas; 10 narrativas de vida.	Economia solidária; autogestão; cooperação.	Arranjos coletivos reduzem barreiras do mercado formal.	Venezuela -> Brasil (Pernambuco)
Zamprônio; Borelli (2025)	Jovens venezuelanas empreendem sob precariedade, mas constroem redes de apoio que vão além da subsistência.	Qualitativo; 6 entrevistas em profundidade com 5 mulheres + acompanhamento digital.	Gênero; cuidado; redes de apoio; juventudes migrantes.	Cuidado e cooperação são constitutivos da organização econômica.	Venezuela -> Brasil (RMSP)
Zanforlin; Grohmann (2022)	A plataformização e a retórica empreendedora produzem 'on-demand migrants' dependentes e precarizados.	Qualitativo; 10 entrevistas com migrantes/refugiados em São Paulo ao longo de 2 anos.	Plataformização; empreendedorismo neoliberal; comunicação.	A mediação por plataformas e ONGs pode capturar trabalho migrante.	Múltiplas origens -> Brasil (São Paulo)
Silva Hein; Jaime (2025)	O empreendedorismo da nova diáspora negra articula negócio, mobilização solidária e participação política em arenas públicas.	Netnografia; 10 narrativas de vida + 8 entrevistas com atores institucionais; observação on-line.	Pragmatismo; arenas públicas; ação coletiva; mediações.	Empreender também é publicizar problemas e construir reconhecimento.	África/Haiti/Caribe -> Brasil (São Paulo)
Oliveira (2024)	Italianos no Norte/Nordeste brasileiro ocupam posição diferenciada no <i>mixed embeddedness</i> e não se explicam só por vulnerabilidade.	Estudo de casos múltiplos com migrantes italianos em Palmas e São Luís.	<i>Mixed embeddedness</i> .	Capitais sociais/culturais valorizados alteram oportunidades de inserção.	Itália -> Brasil (TO/MA)
Almeida; Zaganelli (2020)	Diante de barreiras de acesso ao trabalho, o empreendedorismo feminino surge como solução viável para mulheres refugiadas.	Qualitativo; estudo de caso; análise de dados e pesquisa bibliográfica.	Direito ao trabalho; Lei de Refúgio; Lei de Migração.	Políticas e garantias legais podem viabilizar integração via empreendedorismo.	Múltiplas origens de refúgio -> Brasil
Miranda; Alves (2025)	O empreendedorismo de mulheres migrantes é ambivalente: pode favorecer emancipação ou reproduzir marginalização.	Narrativa de história de vida; Psicologia Social Crítica; caso de mulher camaronesa no Brasil.	Psicologia Social Crítica; identidade; interseccionalidade.	Empreender é processo identitário atravessado por patriarcado-colonialismo-capitalismo.	Camarões -> Brasil
Diniz et al. (2022)	Redes étnicas sírias e capital social oferecem recursos decisivos para criação de novos negócios.	Qualitativo; estudo de casos múltiplos; 24 entrevistas com refugiados sírios.	Redes sociais; capital social.	Laços étnicos facilitam acesso a recursos e informação.	Síria -> Brasil (RJ e RMBH)
Scherer; Prestes; Grisci (2022)	Configurar o empreendimento étnico significa conformar a própria vida em refúgio, via trabalho imaterial.	Qualitativo exploratório; notícias, visitas, entrevistas narrativas e observação direta.	Trabalho imaterial; subjetividade; empreendedorismo étnico.	O empreendimento é estratégia existencial de viver a vida em refúgio.	Síria -> Brasil (Porto Alegre)
Ferreira; Lohmann (2025)	Capacitação, apoio linguístico e redes comunitárias podem transformar empreendedorismo em cidadania econômica.	Qualitativo exploratório; análise de conteúdo e narrativa; 20 entrevistas + dados secundários.	Teoria da Resiliência; inclusão econômica.	Com suporte institucional, o empreendimento produz autonomia.	Múltiplas origens -> Brasil (RJ)
Porto et al. (2025)	O empreendedorismo migrante venezuelano em Boa Vista decorre sobretudo de necessidade e precarização do trabalho.	Qualitativo; entrevistas com migrantes venezuelanos residentes em Boa Vista.	Empreendedorismo por necessidade; mundo do trabalho.	A falta de alternativas no mercado de trabalho empurra para o autoemprego.	Venezuela -> Brasil (Boa Vista/RR)
Brignol (2021)	Mídias digitais organizam vínculos, redes de apoio, associativismo e cidadania migrante na diáspora senegalesa.	Revisão teórica + campo multissituado com entrevistas e observação participante.	Diáspora; mediações; usos sociais das mídias.	Infraestruturas comunicacionais são parte do organizing migrante.	Senegal -> Brasil (RS)

**Fonte:** Elaboração própria com base na literatura

O corpus das pesquisas levantadas revela alguns padrões importantes. Primeiro, predominam estudos qualitativos, intensivos e de pequena escala; o

setor de alimentação aparece reiteradamente como porta de entrada organizacional de refugiados e migrantes. Grandes centros e capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Boa Vista, concentram os campos empíricos; venezuelanos e sírios são os grupos mais frequentes, seguidos por senegaleses, italianos e pela chamada nova diáspora negra. Os estudos textos distribuem-se de forma desigual entre abordagens relacionais, críticas, feministas, jurídico-normativas e pragmatistas.

No geral, a literatura brasileira fala muito mais de condições de emergência do empreendimento do que de crescimento, desempenho, rotinas, falhas, escalabilidade ou internacionalização. Esse tipo de lacunas também é observado em alguns estudos da literatura internacional (Dheer, 2018), o que talvez seja explicado pela dificuldade em fazer seguimento longitudinal dos empreendimentos migrantes e transnacionais. Analiticamente, os resultados podem ser organizados em cinco eixos de acordo com a abordagem: (i) redes, *embeddedness* e recursos; (ii) trabalho, subjetividade e empreendedor de si; (iii) gênero, cuidado e interseccionalidade; (iv) arranjos solidários, cidadania econômica e mediações institucionais; e (v) plataformas, mídias e arenas públicas. A continuação será apresentada uma breve discussão para cada um desses eixos de estudos.

### **(i) Redes, *embeddedness* e recursos como explicação dominante**

O primeiro eixo agrupa estudos que tratam o empreendedorismo migrante como resultado da articulação entre redes sociais, capital social, etnicidade, recursos mobilizáveis e contexto de inserção. Aqui se situam com maior clareza Albuquerque *et al.* (2023), Diniz *et al.* (2022), Oliveira (2024) e Porto *et al.* (2025). Mesmo quando utilizam vocabulários distintos, esses trabalhos compartilham o pressuposto de que o empreendimento emerge quando o migrante consegue converter laços, repertórios culturais e posição contextual em meios de subsistência ou inserção.

Em Diniz *et al.* (2022), as redes étnicas sírias e o capital social aparecem como mecanismos centrais de acesso a recursos, informação, apoio e oportunidades de negócio, inclusive com variações territoriais entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Oliveira (2024), ao mobilizar explicitamente a lente do *mixed*

*embeddedness*, desloca a análise do nível estritamente relacional para a interação entre capital humano/social/cultural e oportunidades institucionalmente filtradas, mostrando que a imigração italiana recente no Norte e Nordeste não pode ser lida pelos mesmos códigos usados para grupos vulnerabilizados. Já Albuquerque *et al.* (2023) e Porto *et al.* (2025) descrevem a realidade de venezuelanos em Boa Vista como fortemente condicionada por crise humanitária, precariedade laboral, apoio familiar e redes de contato, em empreendimentos marcados por sobrevivência e improvisação.

O mérito desse eixo é reintroduzir contexto e relacionalidade em um campo frequentemente capturado por individualismo metodológico. Seu limite, porém, é que, em parte dos estudos, o empreendimento ainda aparece como variável dependente explicada por acesso diferencial a recursos, sem que a organização em si - sua forma, governança, temporalidade ou estratégia - seja analiticamente aprofundada.

## **(ii) Trabalho, subjetividade e o empreendedor de si**

O segundo eixo desloca o foco da disponibilidade de recursos para os modos pelos quais o trabalho reorganiza a vida migrante e produz subjetividades. Scherer e Grisci (2022), assim como Scherer, Prestes e Grisci (2022), interpretam o empreendedorismo migrante e de refugiados a partir da noção de trabalho imaterial e da produção de subjetividade, em diálogo com a Autonomia das Migrações e com uma crítica ao capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, o empreendimento vai além de uma fonte de renda e unidade econômica e torna-se uma estratégia de viver a vida, mediante um processo de singularização e composição de si.

Essa abordagem pode ser bastante relevante para o campo de empreendedorismo migrante porque substitui a pergunta: por que o migrante abre um negócio? por outro questionamento mais estrutural: que tipo de vida e de ordenamento social são produzidos quando a sobrevivência depende de transformar cultura, afeto, comunicação, idioma, cozinha e identidade em trabalho vendável? Nos estudos que enfocam o caráter étnico, especialmente no ramo alimentício, a rede étnica torna-se um arranjo organizacional, um dispositivo identitário e uma tecnologia social de continuação da vida em refúgio

(Scherer, Prestes e Grisci, 2022; Rustomgy e Bastos, 2020).

O estudo de Zanforlin e Grohmann (2022) analisa programas de treinamento para empreendedores migrantes ligados à Migraflif e a parceiros como Facebook e Uber, os autores mostram que o discurso empreendedor pode funcionar como tecnologia de captura, encobrindo insegurança, remuneração opaca, dependência de ONGs e inserção compulsória na chamada *gig economy*. O migrante *on-demand* é, nesse sentido, o reverso sombrio do empreendedor de si: não autonomia, mas disponibilidade permanente.

Miranda e Alves (2025) alimentam a discussão com uma formulação ancorada na psicologia social crítica, argumentando que o empreendedorismo da mulher migrante pode tanto ampliar autodeterminação e identidade política quanto reproduzir marginalização e submissão na tríade patriarcado-colonialismo-capitalismo. Portanto, a principal contribuição desse eixo, é mostrar que o empreendedorismo migrante não deve ser pensado somente como alocação econômica, mas como forma de governo da vida, com efeitos organizacionais e subjetivos que podem ser ambivalentes para o indivíduo enquanto a sua ação individual e agência como ator social.

### **(iii) Gênero, cuidado e interseccionalidade**

O terceiro eixo demonstra que gênero não é uma variável dependente adicional, mas um princípio organizador de oportunidades, constrangimentos e formas de empreendimento. Por exemplo, Zampronio e Borelli (2025) mostram que jovens venezuelanas empreendedoras em São Paulo ingressam no negócio porque enfrentam não reconhecimento de diplomas, barreiras linguísticas e sobrecarga do cuidado; ainda assim, suas práticas excedem a subsistência individual e constroem redes cooperativas baseadas em compartilhamento de saberes e cuidado coletivo.

Almeida e Zaganelli (2020), por sua vez, formulam o problema a partir do acesso ao trabalho e do marco jurídico brasileiro do refúgio e da imigração. O empreendedorismo feminino aparece como solução viável diante da falha de integração pelo emprego formal. A formulação é importante por explicitar a dimensão institucional do problema, mas tende a tratar empreendedorismo como resposta relativamente linear e desejável, sem problematizar

suficientemente exploração, informalidade ou desigual distribuição de riscos.

Miranda e Alves (2025) também contribuem neste eixo, assertando que a mulher migrante empreendedora não pode ser pensada fora da interseccionalidade entre raça, colonialidade, classe e patriarcado. Nesse ponto, a literatura analisada produz um ganho substantivo em relação a parte da literatura internacional: em vez de homogeneizar a categoria “imigrante”, mostra que o empreendimento é vivido de maneira diferencial conforme gênero, racialização, trajetória migratória e inserção social.

O cuidado e a reprodução social não são externos à firma; no caso do empreendedorismo migrante, eles compõem o próprio desenho do trabalho, da cooperação, do tempo e da estratégia. Essa é uma ponte promissora com debates contemporâneos sobre organizações, informalidade e infraestruturas de cuidado.

(iv) Arranjos solidários, cidadania econômica e mediações institucionais

O quarto eixo reúne estudos que tratam a integração econômica de migrantes por meio de arranjos coletivos, iniciativas solidárias, capacitação e mediações institucionais. Bastos *et al.* (2024) analisam a atuação da Cáritas em Pernambuco e sustentam que a economia solidária pode oferecer alternativa viável de integração, articulando autogestão, cooperação e sustentabilidade em empreendimentos de venezuelanos interiorizados. O pressuposto aqui é que formas associativas de organizar o trabalho reduzem bloqueios típicos do mercado formal e produzem inclusão mais densa do que o autoemprego isolado.

Ferreira e Lohmann (2025) analisam como os programas de capacitação, apoio linguístico e redes comunitárias podem fazer do empreendedorismo um caminho para resiliência, autonomia e cidadania econômica. O estudo recoloca as políticas públicas e mediações institucionais no centro da análise, mas permanece relativamente otimista: o empreendimento é tratado sobretudo como mecanismo de inclusão, sem aprofundar os conflitos organizacionais, as ambiguidades de mercado ou a tensão entre autonomia discursiva e dependência material.

Esses estudos ajudam a diferenciar dois tipos de mediação institucional. Em um, instituições religiosas, ONGs, projetos e fundos solidários funcionam como infraestruturas que ampliam capacidade coletiva de agir. Em outro, como

mostrou Zanforlin e Grohmann (2022), podem operar como intermediários que distribuem acesso de forma assimétrica e reforçam dependência. Essa ambivalência é central para o progresso do paradigma de pesquisa em empreendedorismo de migrantes no Brasil: a mediação institucional não é, em si, emancipatória nem opressiva; depende da forma de governança, da distribuição de recursos e da capacidade de os migrantes coproduzirem as regras de organização das empresas.

### **(v) Plataformas, mídias e arenas públicas**

O quinto eixo amplia a noção de empreendimento ao mostrar que visibilidade, mediação digital, circulação de narrativas e atuação em arenas públicas são dimensões constitutivas (e não periféricas) do empreendedorismo migrante contemporâneo. Brignol (2021) demonstra que, entre senegaleses no Sul do Brasil, mídias digitais e em rede sustentam vínculos transnacionais, redes de apoio, associativismo, construção de narrativas de si e políticas antirracistas. Embora o texto não trate exclusivamente do empreendedorismo, ele mostra que infraestruturas comunicacionais são parte do modo pelo qual a vida econômica migrante se organiza.

Silva Hein e Jaime (2025) avançam nesse sentido ao mostrar que o empreendedorismo da nova diáspora negra em São Paulo está 'entre negócio, mobilização solidária e participação política'. Sua contribuição é contrariar a expectativa de que redes étnicas sejam sempre o suporte primário do empreendimento. Nos casos analisados, o apoio veio de vizinhos brasileiros, igrejas e ONGs; além disso, os negócios servem para inserir questões raciais e migratórias em arenas públicas.

Ao lado de Zanforlin e Grohmann (2022), esses estudos sugerem que plataformas, redes sociais, mídias e fóruns públicos têm dupla função. De um lado, são dispositivos de comercialização, coordenação e visibilidade. De outro, são arenas de contestação, construção de coletivos e disputa por reconhecimento. Esse ponto dialoga diretamente com o avanço do programa de pesquisa em empreendedorismo migrante no Sul Global porque desloca a firma do centro analítico e coloca em cena ecossistemas organizacionais, públicos, mediações sociotécnicas e formas híbridas de ação coletiva.

### **Contrapontos na literatura e perspectivas para o avanço:**

O primeiro contraponto opõe as perspectivas em que redes e instituições aparecem como recursos habilitadores com as perspectivas em que elas funcionam como mecanismos de captura ou dependência. *Diniz et al. (2022)* e *Bastos et al. (2024)* enfatizam o potencial das redes étnicas e solidárias, enquanto *Zanforlin e Grohmann (2022)* mostram que a intermediação por ONG e plataforma pode produzir trabalho sob demanda, baixa renda e forte opacidade.

O segundo contraponto pondera empreendedorismo como solução de integração em contrapartida do empreendedorismo como resposta precária e ambivalente. *Almeida e Zaganelli (2020)* e *Ferreira e Lohmann (2025)* tendem a descrevê-lo como via normativa de inclusão, entanto que *Porto et al. (2025)*, *Scherer e Grisci (2022)* e *Miranda e Alves (2025)* insistem na centralidade da necessidade, da precarização e da ambiguidade emancipatória.

O terceiro contraponto refere-se ao papel da etnicidade. Em *Rustomgy e Bastos (2020)*, e também nos estudos sobre sírios, a etnicidade aparece como repertório econômico-cultural que viabiliza hospitalidade, memória e diferenciação mercadológica. Já *Silva Hein e Jaime (2025)* alertam que a solidariedade étnica não pode ser presumida; conflitos intragrupais, disputas por prestígio e expectativas de reciprocidade podem operar como obstáculos.

Esses contrapontos sugerem que o programa brasileiro de pesquisa em empreendedorismo migrante não deve buscar uma teoria única ou perspectiva isolada e de caráter determinista. O ganho analítico, portanto, pode residir em reconhecer a natureza tensional do fenômeno: a mesma rede pode ser recurso e controle; a mesma identidade pode ser um ativo de mercado e marca de exclusão; o mesmo empreendimento pode ser sobrevivência, reconhecimento e captura simultaneamente.

Finalmente, apresenta-se uma nuvem de palavras (Figura 3) elaborada a partir dos títulos, palavras-chave e resumos dos estudos analisados. Quanto maior o tamanho da palavra, maior a frequência de sua ocorrência. Na análise, é possível perceber a centralidade de termos como “empreendedorismo étnico”, “redes”, “trabalho imaterial”, “cooperação”, “cultura”, “integração” e “renda”.



emergência para o desempenho organizacional: estudar não apenas a criação, mas também crescimento, formalização, falha, sucessão, rentabilidade, escalabilidade.

3) Desde uma perspectiva crítica, avançar na consideração do cuidado, reprodução social e estratégia: tratar cuidado, maternidade, remessas, arranjos domésticos e trabalho afetivo como componentes centrais (e não periféricos) da organização econômica migrante.

4) Resultados extraeconômicos: além de renda e sobrevivência, avaliar efeitos sobre cidadania, reconhecimento, bem-estar, saúde mental, participação pública e transformação institucional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa partiu do diagnóstico que o empreendedorismo migrante permanece um programa de pesquisa em expansão, porém ainda marcado por forte concentração empírica e teórica em experiências Sul-Norte, enquanto contextos do Sul Global seguem subexplorados. Ao tomar o Brasil como foco, o estudo buscou contribuir para esse deslocamento analítico, combinando uma contextualização empírica do empreendedorismo migrante contemporâneo no país com uma revisão narrativa da produção recente. Uma das principais observações é que o empreendedorismo migrante no Brasil, como fenômeno e objeto de estudo não é homogêneo. Os estudos existentes o conceitualizam como uma forma de inserção econômica, organização da vida e mobilização de recursos situada em rotas migratórias, hierarquias e constrangimentos institucionais específicos.

A revisão mostrou que a produção, embora ainda dispersa em termos disciplinares e metodológicos, converge em um ponto: o empreendimento migrante não pode ser explicado apenas por atributos individuais ou por uma lógica abstrata de oportunidade. Ao contrário, ele emerge na interseção entre redes sociais, capital cultural, condições do mercado de trabalho, mediações institucionais, relações de gênero, racialização, infraestruturas digitais e formas diferenciadas de reconhecimento. Nesse sentido, os cinco eixos identificados revelam que a literatura brasileira avançou além de uma leitura economicista do

fenômeno.

O empreendedorismo migrante aparece, assim, como prática relacional e ambivalente: pode ser meio de autonomia, geração de renda, reconstrução identitária e participação pública, mas também pode expressar precarização, captura institucional, sobrecarga de cuidado e inserção subordinada em mercados periféricos. Essa constatação tem implicações importantes para o avanço do paradigma de pesquisa em empreendedorismo migrante no Sul Global. Em vez de simplesmente aplicar, ao caso brasileiro, pressupostos derivados de contextos centrais, a literatura analisada sugere que rotas migratórias, posição geopolítica das nacionalidades e formas de *embeddedness* global condicionam diretamente o valor, a convertibilidade e a mobilização dos recursos dos migrantes.

O caso brasileiro mostra com nitidez que o empreendedorismo migrante assume configurações distintas conforme a rota, a nacionalidade, o setor de atividade, o grau de formalização e o acesso a redes e mediações. Nesse sentido, a relevância do Brasil não está apenas em oferecer novos casos empíricos, mas em permitir tensionar pressupostos consolidados do campo e evidenciar que o empreendedorismo migrante, em contextos Sul-Sul, tende a ser mais fortemente atravessado por desigualdade, instabilidade, informalidade e heterogeneidade intramigrante.

Ao mesmo tempo, a revisão também evidenciou limites consistentes da produção disponível. Predominam estudos qualitativos, localizados e intensivos, escassamente comparativos e pouco voltados para a dimensão longitudinal dos empreendimentos. Os estudos abordam relativamente pouco sobre crescimento, fracasso, escalabilidade, desempenho, sucessão, rotinas organizacionais e internacionalização dos negócios migrantes no Brasil.

Por isso, uma agenda futura promissora deve avançar em pelo menos quatro direções: comparações sistemáticas entre grupos migrantes e cidades; análise dos setores e trajetórias dos negócios para além do momento de criação; incorporação mais robusta do cuidado, da reprodução social e das infraestruturas digitais como dimensões centrais do empreendimento; e maior articulação entre evidência empírica nacional e os debates internacionais sobre empreendedorismo migrante em rotas Sul-Sul e Norte-Sul.

Em síntese, se o campo quiser avançar teoricamente, não bastará acumular novos estudos de caso. Será necessário produzir comparações, refinar categorias e construir explicações mais sensíveis às especificidades do Sul Global. É justamente aí que o Brasil pode deixar de ser apenas um contexto periférico de observação e passar a ocupar lugar mais central na produção internacional de conhecimento sobre empreendedorismo migrante.

## **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE, Milena da Silva Marques *et al.* Empreendedorismo Étnico e as Implicações da Pandemia para os Imigrantes Venezuelanos. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 45, p. 37-63, 2023.

ALIAGA-ISLA, Rocío; RIALP, Alex. Systematic review of immigrant entrepreneurship literature: previous findings and ways forward. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 25, n. 9-10, p. 819-844, 2013.

ALMEIDA, Karen Rosa; ZAGANELLI, Margareth Vetis. Mulheres refugiadas e desafios no acesso ao trabalho no Brasil: o empreendedorismo feminino como solução viável. **Direito em Revista-ISSN 2178-0390**, v. 5, n. 5, p. 06-20, 2020.

ANDERSON, Bridget; BLINDER, Scott. Who counts as a migrant? Definitions and their consequences. **Migration observatory briefing**, 2019.

BASTOS, Antonio Fagner *et al.* A economia solidária na integração de migrantes venezuelanos: reflexões de um caso em Pernambuco, Brasil. **Revista Mosaico**, v. 15, n. 2, p. 68-85, 2024.

BELL, Emma; HARLEY, Bill; BRYMAN, Alan. **Business research methods**. Oxford University Press, 2022.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Tecnicidades e identidades migrantes nos usos sociais das mídias: uma aproximação à diáspora senegalesa no Sul do Brasil. **Dados**, v. 64, p. e20180317, 2021.

CABIESES, Baltica *et al.* The impact of stigma and discrimination-based narratives in the health of migrants in Latin America and the Caribbean: a scoping review. **The Lancet Regional Health–Americas**, v. 40, 2024.

CHRISTENSEN, Lisa Jones *et al.* Separate but not equal: Toward a nomological net for migrants and migrant entrepreneurship. **Journal of International Business Policy**, v. 3, n. 1, p. 1-22, 2020.

CRUZ, Eduardo Picanço; DE QUEIROZ FALCÃO, Roberto Pessoa. Revisão bibliométrica no tema Empreendedorismo Imigrante e Étnico. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais (Internext)**, v. 11, n. 3, p. 78-94, 2016.

DABIĆ, Marina *et al.* Immigrant entrepreneurship: A review and research

agenda. **Journal of business research**, v. 113, p. 25-38, 2020.

DHEER, Ratan JS. Entrepreneurship by immigrants: a review of existing literature and directions for future research. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 14, n. 3, p. 555-614, 2018.

DINIZ, Gislene Cordeiro *et al.* Redes de imigração síria no Brasil e criação de novos negócios. **Internext**, v. 17, n. 1, p. 01-21, 2022.

DUAN, Carson; KOTEY, Bernice; SANDHU, Kamaljeet. A systematic literature review of determinants of immigrant entrepreneurship motivations. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 35, n. 4, p. 599-631, 2023.

ELO, Maria. Typology of diaspora entrepreneurship: case studies in Uzbekistan. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 14, n. 1, p. 121-155, 2016.

FALCÃO, Roberto PQ; CRUZ, Eduardo P.; DANA, Léo-Paul. The Feminisation of Migration. In: **Reflections on Immigrant Entrepreneurship: Time, Context, Gender, and Behaviours of the Brazilian Diaspora**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2025. p. 159-178.

FERNÁNDEZ, Iranzu Gárriz. The Right to the City as a conceptual framework to study the impact of North-South Migration. **Recreation and Society in Africa, Asia and Latin America**, v. 2, n. 1, 2011.

FERREIRA, Ricardo Nascimento; LOHMANN, Paola Bastos. RESILIÊNCIA E AUTONOMIA: O EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS COMO CAMINHO PARA A CIDADANIA ECONÔMICA NO BRASIL. **Revista DCS**, v. 22, n. 82, p. e3489-e3489, 2025.

FREILING, Jörg; GLINKA, Beata. Anatomy, Issues, and Trends in Migrant Entrepreneurship: An Editorial Overview. **De Gruyter Handbook of Migrant Entrepreneurship**, p. 1-22, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GIRLING, Richard. Global embeddedness: situating migrant entrepreneurship within an asymmetrical, global context. **Central and Eastern European Migration Review**, v. 13, n. 1, p. 109-127, 2024.

GONZÁLEZ, Catalina Ramírez; PARELLA RUBIO, Sonia; PETROFF, Alisa. Motherhood among immigrant entrepreneurs in Chile: tensions and coping strategies in digital entrepreneurship. **Media International Australia**, p. 1329878X251328616, 2025.

GOVERNO FEDERAL DO BRASIL. **Censo 2022 aponta crescimento de 70% na população migrante no Brasil**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/censo-2022-aponta-crescimento-de-70-na-populacao-migrante-no-brasil>

HARIMA, Aki. Network dynamics of descending diaspora entrepreneurship: Multiple case studies with Japanese entrepreneurs in emerging economies. **Journal of Entrepreneurship, Management and Innovation**, v. 10, n. 4,

p. 65-92, 2014.

MAZUERA-ARIAS, Rina *et al.* Factores asociados a la intención emprendedora de los emigrantes venezolanos. **Migraciones internacionales**, v. 13, 2022.

MIRANDA, Suélen Cristina; ALVES, Cecília Pescatore. The entrepreneur migrant woman and her emancipatory (im) possibilities in the Brazilian context. In: **Immigration and Entrepreneurship in the Americas**. Routledge. p. 74-89.

O'BYRNE, Darren J.; HENSBY, Alexander. **Theorizing global studies**. Bloomsbury Publishing, 2020.

OLIVEIRA, André Luiz Santos. PECULIARIDADES DA IMIGRAÇÃO DE ITALIANOS NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL NO SÉCULO XXI, SOB A PERSPECTIVA DO MIXED EMBEDDEDNESS. In: Marcelo Alario Ennes, Silvia Regina Paverchi. (Org.). **Mobilidade humana no mundo contemporâneo: trabalho, direitos e identidades**. 1ed.São Cristóvão -SE: Editora UFS, 2024, v. 1, p. 82-102.

ONU. **International migration**. 2025. Disponível em: <https://www.un.org/en/global-issues/migration>

PORTO, Alexandre Henrique Rodrigues *et al.* Empreendedorismo migrante: o mundo do trabalho e a migração venezuelana em Boa Vista/RR: Migrant entrepreneurship: the world of work and Venezuelan migration in Boa Vista/RR. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 30, n. 50, p. 23-47, 2025.

RAMOS-TORRES, Carlos. Exploring North-to-South immigrant family business: a resource-based view theoretical framework. **Journal of Family Business Management**, v. 16, n. 2, p. 437-460, 2026.

RODRIGO, Luis Miguel; ROMANÍ, Gianni; RICCI, Emilio. Immigrant entrepreneurs in Antofagasta, Chile: the contribution of South-South entrepreneurs. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 31, n. 3, p. 450-470, 2018.

RUSTOMGY, Vera Lúcia Stahelin; BASTOS, Sênia Regina. Para Além do Comércio de Comida Tradicional: O Empreendedorismo Étnico de Refugiados [São Paulo-SP, Brasil]/Beyond Traditional Food Trade: Ethnic Refugee Entrepreneurship [São Paulo, Brazil]. **Revista Rosa dos Ventos-Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 4, 2020.

SCHERER, Laura Alves; GRISCI, Carmem Ligia lochins. Migrante e refugiado empreendedor (de si): modos vernáculos de trabalho imaterial como (re) invenção de si no país de destino. **BBR. Brazilian Business Review**, v. 19, p. 189-207, 2022.

SCHERER, Laura Alves; PRESTES, Vanessa Amaral; GRISCI, Carmem Ligia lochins. (Con) figurar o Empreendimento, (Con) formar a Vida: Estratégia de Viver a Vida em Refúgio como Empreendedor Étnico à Luz do Trabalho Imaterial. **Organizações & Sociedade**, v. 29, p. 805-831, 2022.

SEBRAE. **Número de empreendedores estrangeiros no Brasil cresce 73%**. 2025. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/numero-de-empreendedores-estrangeiros-no-brasil-cresce-74/>

SILVA HEIN, Audrey; JAIME, Pedro. Between ethnic entrepreneurship and political participation: the experience of representatives of the Brazilian new black diaspora. **The Bottom Line**, v. 38, n. 2, p. 154-172, 2025.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. **Journal of business research**, v. 104, p. 333-339, 2019.

TERRA. **MEI vira opção para estrangeiros ingressarem no mercado de trabalho**. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/mei-vira-opcao-para-estrangeiros-ingressarem-no-mercado-de-trabalho,c649d2f37b889c1933c3b8123fdf9e98ib299hv1.html>

TIGHT, Marcos. (2019). **Documentary research in the social sciences**. 2025, SAGE Publications Ltd.

TORRACO, Richard J. Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. **Human resource development review**, v. 4, n. 3, p. 356-367, 2005.

VERVER, Michiel; PASSENIER, David; ROESSINGH, Carel. Contextualising ethnic minority entrepreneurship beyond the west: Insights from Belize and Cambodia. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 25, n. 5, p. 955-973, 2019.

VILLAMIL, Stéphanie López. Post-Return Migration Policies in Latin America: A Global South Approach. **knowledge, power, and migration**, p. 165, 2025.

ZAMPRONIO, Renata Carla; BORELLI, Silvia Helena Simões. Entre o cuidado e o negócio: jovens venezuelanas empreendedoras em São Paulo. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 33, p. e332167, 2025.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti; GROHMANN, Rafael. Precarious migrants in a sharing economy| on-demand migrants: Entrepreneurialism, platformization, and migration in Brazil. **International Journal of Communication**, v. 16, p. 18-18, 2022.